

WILLIAM COSTA

**POLÍTICAS DA
EXCEÇÃO**

EDITORA MILFONTES



Políticas da
Exceção



Copyright © 2020, William Costa.

Copyright © 2020, Editora Milfontes.

Rua Carijós, 720, lj 1, Ed. Delta Center, Jardim da Penha, Vitória, ES, 29.060-700.

Compra direta e fale conosco: <https://editoramilfontes.com.br>

Distribuição nacional em: www.amazon.com.br

editor@editoramilfontes.com.br

Brasil

Editor Chefe

Bruno César Nascimento

Curadoria

Aknaton Toczek Souza (UNISECAL) • Alexandre Avelar (UFU) • Arthur Ávila (UFRGS)

Bruno Guimarães (UFOP) • Cíntia Vieira (UFOP) • Cláudia Viscardi (UFJF)

Diogo Silva Corrêa (UVV) • Dirce Solis (UERJ) • Fabiana Fredrigo (UFG)

Fabio Franzini (UNIFESP) • Flávia Varella (UFSC) • Georgia Amitrano (UFU)

Gessica Guimarães (UERJ) • Julio Bentivoglio (UFES) • Karina Anhezini (UNESP FRANCA)

Marcelo Moraes (UERJ) • Marcelo Rangel (UFOP) • Maria Da Glória Oliveira (UFRRJ)

Pablo Ornelas (UVV) • Rafael Haddock-Lobo (UFRJ) • Ueber de Oliveira (UFES)

Valdei Araujo (UFOP)

Curadoria do mês de agosto de 2020

Marcelo Rangel (UFOP)

Cartas aos Leitores

Carta do curador

O livro de William Costa me fez lembrar de uma questão benjaminiana: o que costumamos pensar e experimentar diante da imagem de uma caveira (neste caso e infelizmente ainda excessivamente relacionada ao - que se chama de - humano)? Uma primeira resposta poderia ser: pensamos - e experimentamos... pensamos mais do que experimentamos - sobre a finitude humana. Mas não é bem isso que está em questão nem em Benjamin nem no livro de William. Não se trata (apenas e nem mais propriamente) da necessidade de sublinhar a finitude de todos nós, algo que a tradição ocidental vem realizando cuidadosamente, mas (também) de experimentar e pensar a/na dor de cada uma/um - e não exatamente desse nós metafísico - diante da violência, do terror, da brutalidade, da crueldade, da fome, do desespero, da escravidão, da segregação, do esquecimento, do estupro, do assassinato, do aniquilamento... e ainda mais em tempos de pandemia, de pandemônio!

O livro de William trata de como o Estado moderno e contemporâneo foi sendo constituído, da exceção ao terrorismo, a partir da compreensão e meta que é a de suprimir e também aniquilar a política e com ela a soberania, ou ainda, a necessidade de (re)criar(se) comunitariamente, e, portanto, a própria experiência da felicidade/alegria (*bliss*). Nesse sentido, a leitora, o leitor estão convidados a continuar experimentando, imaginando, pensando, sonhando, (re)inventando(se) coletivamente, resistindo!

Marcelo Rangel

Mariana, setembro de 2020

Caro leitor(a),

A partilha do pensamento é sempre uma tarefa difícil. Entre as reflexões que nos detemos e as linhas que escrevemos, colocamo-nos ali na encruzilhada de um texto que diz tanto sobre nós e, ainda assim, é algo singular, para além de nós mesmos. Ao deslizarmos nas formas da escrita e compor os rastros de nossos textos, deslocamo-nos para o abcesso, para a tensão. Se algo resume a experiência do pensamento é, possivelmente, a experiência da tensão. A tensão gesticula sobre o texto uma inconformidade. É esta inconformidade a responsável por romper com a linearidade do pensamento e esmagar, com pequenos exemplos ou grandes argumentos, quem se atenta sobre a capa, quem apenas folheia a obra ou quem rabisca cada tese, proposição, explicação.

Na encruzilhada da escritura, o texto é um rabisco inacabado que depende sempre e cada vez mais de quem o lê, de como o lê, de onde o lê. Somente no terreiro de onde partem estas pegadas é que podemos compreender a potência do pensamento e a audácia da escrita. A escrita asfixia, corta com navalha, queima com ferro, destroça e deixa marcas. São tais marcas, porém, as responsáveis por desentulhar o passado e por deslocar o presente e o futuro que habitam em nós. Onde tensão e experiência se fundem, somos deslocados (in)voluntariamente para dentro, ou para fora, de uma partitura composta de mosaicos. Entre as linhas e as notas, som, ritmo, cor e estilo se chocam contra nosso fechado universo.

A escritura deste texto, deste livro, é uma experiência em tensão. É a tensão provocada num limiar em que é possível meditar sobre a vida humana e sobre os riscos que a envolvem. Compor os rastros deste movimento, em que vida e política se interconectam, recai como uma experiência aguda. Entre cada uma das páginas que se segue há torniquetes apertados. O que extraímos deles é tão somente o que está posto, colocado em questão, preso ou disperso nas vielas e nas avenidas do biopoder. Se há capturas aqui ou acolá, certamente não são armadilhas; são, propositadamente, costuras com anzóis para deixar as marcas e as obliterações sem camuflagens.

Reunir tais contornos é o paradigma desta experiência, que, carinhosamente, compartilha desde seu espectro próprio um exercício humano: refletir em voz alta por meio de palavras escritas. Com este

movimento, a possibilidade da escritura surge como um feixe de luz em tempos sombrios. Escrever aqui e agora potencializa o que, para além de ser uma possibilidade, é também um dever ético para com a humanidade. Resistir é tomar ciência de cada um de nós em suas tensões, é compartilhar da tensão do outro em suas plurais dimensões. Esta, talvez, seja uma interlocução que precisamos desfrutar mais. Se ampliarmos nossos textos, se fizermos deles objetos que giram entre vários, então estaremos resistindo na tensão da experiência. Participar deste momento converge tantas coisas importantes que sequer podem ser traduzidas em algumas linhas. Agradeço, por isso, a oportunidade de lançar algumas notas, reflexões, percalços de alguns caminhos, e espero partilhar da leitura de tantos outros colegas, na certeza de que assim, perto ou longe, estaremos sempre juntos.

William Costa
Autor

Aos meus pais e irmã, pelo apoio e carinho.

Aos amigos, pela compreensão e amizade.

A Georgia Amitrano, pela orientação e amizade incondicional.

A vovó Tereza, pelo amor eterno tornado luz no meio destas pegadas.

*Aos guias espirituais, pela abertura do mundo e do tempo para esta
caminhada.*

*A Capes, pelo apoio financeiro durante a realização desta pesquisa em
tempos de mestrado.*

*Ao Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia, pela
acolhida e pela possibilidade de realização da pesquisa.*

WILLIAM COSTA

POLÍTICAS DA EXCEÇÃO

Da potência soberana ao terrorismo de Estado

Coleção ETHOS - Nosso Clube

Volume II



EDITORA MILFONTES

Vitória, 2020

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação digital) sem a permissão prévia da editora.

Revisão

Rozimery Baptista Fontana Nascimento

Capa

Imagem da capa:

Soldado americano na fronteira com o México

Autor: *US Marine Corps*

Bruno César Nascimento - *Aspectos*

Projeto Gráfico e Editoração

Bruno César Nascimento

Impressão e Acabamento

GM Gráfica e Editora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C837p COSTA, William.

Políticas da exceção: da potência soberana ao terrorismo de Estado/ William Costa
Coleção Ethos - Nosso Clube. Volume 2.

Vitória: Editora Milfontes, 2020.

178 p.: 23 cm.

ISBN: 978-65-86207-18-7

1. Política 2. potência 3. Estado 4. Exceção I. Costa, William II. Título.


CDD 320.01

Sumário

Introdução	19
I: O paradoxo que se enuncia: vida e soberania	25
<i>Enlaces entre a vida natural (zoé) e a vida política (bíos)</i>	25
<i>Vida e soberania: quando a vida adentra no terreno do Estado</i>	29
Bodin e a soberania ilimitada.....	30
Hobbes e o Leviatã soberano.....	34
Locke: entre o Estado, a vida e a propriedade	40
II: A máquina bipolar do paradigma político ocidental: política e economia em torno da vida	45
<i>A máquina jurídico-política e a bipolaridade auctoritas e potestas</i>	46
<i>A máquina econômico-governamental e a genealogia do triunfo da economia moderna</i>	52
Teologia política e teoria da decisão: perspectivas de Carl Schmitt	69
A biopolítica como triunfo econômico: Foucault e o problema da vida.....	73
<i>Agamben leitor de Foucault e Schmitt</i>	81
III: Do estado de exceção ao terrorismo de estado	91
<i>Pressupostos da exceção: norma (Norm), decisão (Entscheidung) e força de lei</i>	92
Norma (Norm) e decisão (Entscheidung).....	92
Força-de-lei (Force de Loi).....	97
<i>Estado de Exceção, vida nua e homo Sacer: Agamben entre Benjamin, Schmitt e Foucault</i>	99
A perspectiva de Schmitt sobre o Estado de Exceção (Ausnahmezustand) e o soberano como imanente divino	100
A Exceção como problema externo ao soberano segundo Walter Benjamin e o contraponto da violência e da mera vida (Bloße Leben).....	104
O Homo sacer e a vida nua como condição do paradoxo moderno do Estado de exceção e da soberania na filosofia de Giorgio Agamben.....	107
<i>O extremo da política da exceção: o Campo e o Muselmann</i>	113

O campo e a katorga ou Gulag como paradigma moderno da Biopolítica	114
O Muselmann e a alteridade negativa: Agamben encontra Lévinas.....	119
<i>Do sistema totalitário ao terrorismo de Estado</i>	<i>124</i>
Sociedade de Massas e Animal Laborans: quem move o totalitarismo? ..	128
Ideologia, Terror e Propaganda: Leituras de Hannah Arendt	130
I) Ideologia ou Filosofia do Espírito	130
II) Terror(ismo) ou Horror(ismo)?	141
III) Propaganda e estética: arquiteturas do terror e da mentira.....	147
<i>Do governo sobre a vida ao terrorismo de Estado: a instrumentalização da vida em tempos de exceção</i>	<i>156</i>
Considerações finais.....	163
Referências bibliográficas	171

Prefácio

 que é prefaciando o livro de alguém que orientamos? Esta deve ser a minha pergunta ao me debruçar, mais uma vez, sobre as páginas de William. Um texto que, por um lado, reflete-me, mas que na sua realidade, é único, especial. Ao trazer a *política* como exceções, William vai além de uma análise de autores. Ultrapassa, assim, o comentário e o exame destes tantos que cita no percurso da obra. Pontua, antes, as marcas da *Política*, os escapes desta, e sua forma de exceção. E é disso que trata este livro, como fala William, “*legado de uma política que se apresenta secularmente assinando, além de dogmas, ritmos e preceitos, paradigmas de exceção e elementos de destruição*”

Em um pontual passeio pela história da filosofia política, absorvendo a estrutura da *modernidade* por entre os escritos de Bodin, Hobbes e Locke, o soberano e os seus súditos emergem como um interpolar entre *zoé* e *bíos*. Afinal, da “*passagem do Estado de natureza à sociedade civil, a zoé se vincula à bíos e juntas se tornam protegidas e constrangidas pelo poder soberano*”. E, no decorrer dos séculos, entre pontos extremos, a política se torna bipolar. Assim é que a exceção pode ser vislumbrada. Giorgio Agamben entra em cena, e com ele é que William caminha por um bom tempo, e se pode vê-lo em muitas das linhas não escritas, necessariamente, sobre o italiano. E a condição *biopolítica* do governo de exceção fica, mais que em passagens específicas, gravada na representação das análises de conjuntos de fenômenos jurídicos.

Esta interface da política com o jurídico faz do texto de William um pensamento filosófico do tempo presente, pois ele volta suas vértebras ao passado e cria, no pé fincado no contemporâneo de seu tempo, uma possibilidade de análise crítica. E, voltando-me à bipolaridade, o movimento pendular entre *auctoritas* e *potestas* é o que rubrica o paradigma jurídico-político Ocidental. Uma rubrica “*sistematizada dentro de uma máquina de operação bipolar, cujas engrenagens são alimentadas através de movimentos antagônicos, porém necessariamente condicionados um pelo outro*”.

Ora, como disse, o texto é um passeio, e se por um lado, há modernos, por outro (mas é um texto com mais lados que se possa imaginar), na

esteira de um Agamben, William se volta aos Gregos e Medievais. A *teologia política* aparece e, na medida da leitura, já não sei se de Agamben a William ou de William a Agamben. Glória e Reino nos perseguem neste texto, há um jogo de bipolaridades cujas ações são cruciais para o entendimento do todo. O espetáculo da política, uma encruzilhada filosófica. Ou, como diz William,

essa encruzilhada, a bipolaridade da máquina governamental reproduz a sistemática da teologia econômica e política, intercambiando-se com aquela primeira dimensão da auctoritas e da potestas. Ao cotejar as duas dimensões maquinárias, governo e política alternam seus esforços na elipse dos dispositivos da aclamação das massas e do gerenciamento biopolítico da vida, de modo a possibilitarem o êxito do paradigma governamental cuja gênese revela-nos uma burocracia oikonômica.

Adentramos ao pensamento de Carl Schmitt, Foucault, resgatamos Hobbes. A glória, a sacralidade, a *teologia política* e os parâmetros *biopolíticos* do poder se consolidam. E corpos dóceis e disciplina transitam neste olhar para a política, para o fazer viver e deixar morrer. Um olhar agudo para a exceção que nos esbofeteia enquanto sorrimos para ela. E no jogo entre amigos e inimigos, entre filósofos de épocas diferentes e pensamentos viventes, William apresenta a transição entre o Estado de Exceção e o Terrorismo perpetrado pelo Estado. E sem perder os autores centrais, é Agamben ainda quem transita, dialogando com Derrida, numa *Lei* de força riscada, na crítica à Violência ou ao poder de um corcunda Benjamin. É William ecoando as vozes destes teóricos por meio de seu olhar e escrita agambiana, mas que transcende o próprio Agamben.

Prefaciari o texto de quem um dia orientamos, é, como nas escritas, nas letras deste livro, deparar-se com a alteridade. Afinal, se há fabricação de cadáveres, há quem as denuncie; se “*rostos dos prisioneiros nos campos de concentração e extermínio perderam suas particularidades e personalidades de sujeitos. Suas imagens foram-lhes roubadas e suas essências foram reduzidas ao corpo e à agonia*”; há quem lhes traga as faces e lhes busque os nomes. Ora, diante do fato de o poder capturar a vida política e a tornar vida nua, William não apenas denuncia, por meio do legado de vários pensadores; mas antes, torna-se ele o pensador denunciante. Todavia, William não apenas delata, ele acolhe a face do *outro* nos escritos de uma filosofia política de exceção.

Georgia Amitrano